

JT (cad. Sobrado)
27/7/96 2

Clássico vê relações interétnicas

Unicamp reedita livro de 1964 em que Roberto Cardoso de Oliveira lançava o projeto de uma sociologia do Brasil indígena

Por Renato Sztutman e Carlos Machado Dias

Lili Martins/AE

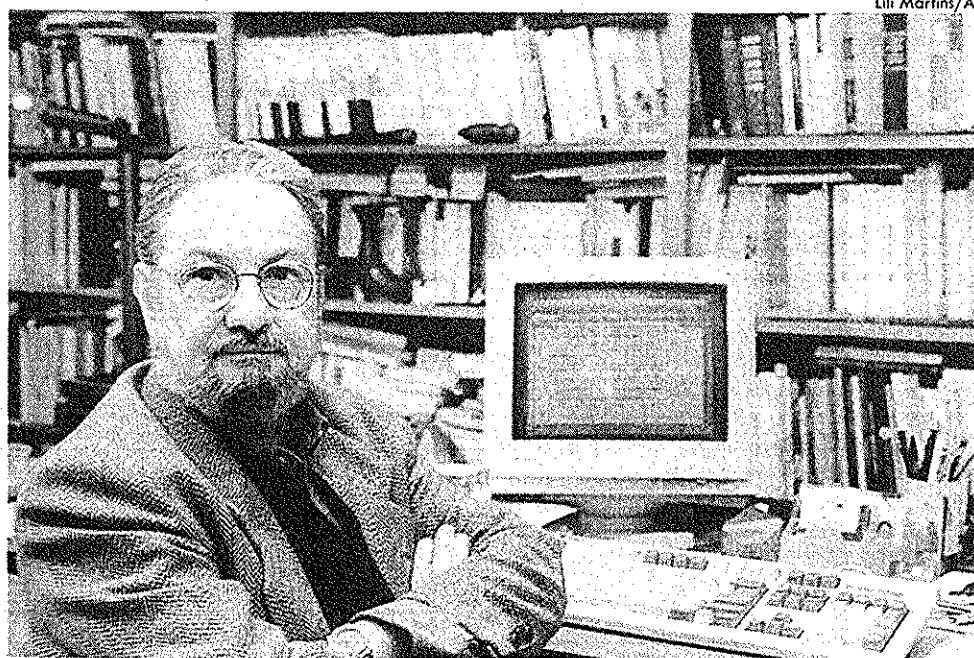
O Brasil passava por um de seus momentos mais críticos quando, em 1964, o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira surpreendia o meio acadêmico com o lançamento de *O Índio e o Mundo dos Brancos*. O livro inseria o estudo de situações de povos indígenas no Brasil — no caso, os Ticuna do Alto Solimões, Amazonas — no caloroso debate em torno da questão do desenvolvimento no Terceiro Mundo. Apontava-se uma estrutura de dominação pela qual os índios se viam subordinados ao mundo dos brancos.

A editora da Unicamp lança a quarta edição do livro atendendo a pedidos de alunos e de outros antropólogos. Isto porque, passados 32 anos, este ainda contém um tema de máxima atualidade: a dinâmica das relações interétnicas e suas implicações em níveis local e global. Junto às obras iniciais do também antropólogo Darcy Ribeiro, *O Índio e o Mundo dos Brancos* constitui um ponto de partida para se pensar a realidade indígena no Brasil. Não por menos, com este livro Cardoso lançava o projeto de uma sociologia do Brasil indígena e de uma etnologia das relações interétnicas, até então inéditas.

O argumento desta obra nasceu em 1962, quando o Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, sediado no México, contratou o antropólogo para coordenar no Brasil o projeto *Novas Tarefas da Antropologia na América Latina*, lançado em 1958. O projeto tinha como objetivo básico a avaliação de problemas ligados à situação de populações indígenas e suas relações diante do movimento de expansão da sociedade nacional. Ao mesmo tempo, o autor defendia sua tese de doutoramento, sob orientação de Florestan Fernandes, sobre os índios Terena, que viviam em uma situação-limite de aldeamento e urbanização.

Em *O Índio e o Mundo dos Brancos*, inspirado no modelo marxista da luta de classes, Cardoso de Oliveira propunha a noção de "fricção interétnica" para designar o confronto entre interesses tribais e os da sociedade nacional, ordens excludentes por natureza.

Todas essas reflexões foram lapidadas em obras posteriores como *Identidade, Etnia e Estrutura Social* (1976) e *Do Índio ao Bugre* (1977), em que o foco da análise passou a ser a identidade étnica, mecanismo de distinção que orienta e situa os índios na arena nacional. A partir daí, Cardoso intensifica o diálogo com teóricos que já se debruçavam sobre estes problemas, tais como Georges Balandier e Fredrik



Roberto Cardoso de Oliveira: análise do confronto entre interesses tribais e os da sociedade nacional

Barth, desenvolvendo temas como colonialismo e etnicidade e, mais recentemente, globalização e etnodesenvolvimento.

Roberto Cardoso de Oliveira, 67 anos, titular aposentado da cadeira de Antropologia da Unicamp e atual professor da Universidade de Brasília, reavalia nesta entrevista ao *Caderno de Sábado* suas antigas proposições, situando-as no contexto da época e apontando novas perspectivas da antropologia contemporânea.

Como o sr. concebe as críticas ao livro *O Índio e o Mundo dos Brancos*?

Não as considero uma rejeição, tomo-as como mais adjetivos do que como ameaças à proposta essencial, que era a de revelar as contradições estruturais observáveis no interior do sistema de relações interétnicas. É bom que se diga que o sucesso à época da publicação se deveu muito à sua inspiração marxista, quando considero as contradições entre as etnias branca e indígena em analogia com a contradição entre classes sociais. A partir daí, o livro foi avaliado e revisado de maneira gradativa, ao longo de pesquisas etnológicas que foram se sucedendo, em especial a do antropólogo João Pacheco de Oliveira, *O Nosso Governo: Os Ticuna e o Regime Tutelar*. Este criou um autor que não era eu,

quando reduziu o conceito de "fricção interétnica" a um modelo estrutural, incapaz de incorporar a história no fluxo das relações interétnicas. Discordo de sua posição e, mesmo aberto a reavaliações, não considero que este conceito esteja fechado para os acontecimentos.

De que forma as novas evidências no quadro das relações interétnicas contribuíram para a revisão de suas teorias?

Se eu tivesse de reestudar os Ticuna de hoje eu teria de considerar a ação do Estado e fazer uma crítica à política indigenista oficial, considerando que, em 1964, esta não tinha a relevância que tem hoje. A situação indígena ganhou fontes nacionais, coisa que no passado só tinha uma expressão regional. No meu caso, no Alto Solimões, eu pude estudá-los em relação ao mundo dos empresários locais que tinham interesse nas terras indígenas. A partir dos anos 70, houve uma organização do movimento indígena, que criou a UNI (União das Nações Indígenas), e teve como principal efeito da sua ação congregar lideranças indígenas de todo o País. A Funai, que substitui o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) como braço indigenista do Estado, passou a ter de ser considerada em sua ação em âmbito nacional com diferentes expressões regionais.

Em que sentido temas como globalização e etnicidade se vêm integrados atualmente no seu pensamento?

O tema da globalização não entrava na dimensão de *O Índio e o Mundo dos Brancos*. Há quatro ou cinco anos, comecei a trabalhar com o tema da ética do discurso, de inspiração apeliana-habermasiana, com relação à política indigenista. Prefiro, hoje em dia, falar em uma "ética planetária" em lugar de usar o termo "globalização". Quanto à noção de etnicidade, expressão que se desenvolveu nos anos 60, pode-se dizer que ela dá conta das relações interétnicas no interior de Estados nacionais, onde as etnias em questão desfrutam de uma situação de minoria. Quando há uma relação de dominação, a noção de etnicidade aparece como sendo relevante, indicativa de dominação política e de exploração econômica. Esta situação só é dada quando as etnias em questão estão em países hospedeiros, em que se encontra um Estado geralmente uniétnico. Todas as pesquisas sobre o contato interétnico, mesmo as anteriores à consagração do termo etnicidade, estão dentro deste âmbito. Já em minha pesquisa entre os Terena, ainda que desconhecida a noção de etnicidade, posso dizer que esta se aplica ao problema das relações entre esses índios e a sociedade regional.

Quais são suas perspectivas atuais de produção acadêmica?

Desde os anos 80, trabalho na interface entre a antropologia e a epistemologia das ciências sociais. Meu livro *Sobre o Pensamento Antropológico*, editado em 1988, ilustra isso. Tenho me preocupado com questões de moralidade e de eticidade, pensadas no interior de uma "ética discursiva". Submeti há pouco à Edusp um livro a duas mãos, escrito em colaboração com meu filho, Luís R. Cardoso de Oliveira, intitulado *Ensaio Antropológico sobre Moral e Ética*. Um próximo trabalho que pretendo publicar será o resultado final da pesquisa que se insere no programa que desenvolvi na Unicamp, chamado *Estilos de Antropologia*. É um trabalho que pretendo compor com um outro, escrito com Guillermo Ruben, sobre a antropologia canadense de expressão francesa. O livro que pretendemos fazer levará por título *As aventuras da Etnicidade: Antropologia e Ideologia Ética* e permitirá ao leitor comparar o processo de formação da disciplina na Catalunha e no Quebec.

Renato Sztutman e Carlos Machado Dias
são antropólogos